

Pulsão de traduzir

Translation's Drive

Maria Célia Martirani¹

Abstract: This study aims to verify the narrative procedures adopted by the contemporary Brazilian writer Peter Sússekind, in his novel *Triz* (2011), especially regarding the fictionalization of the act of translating and the translator's task, based on the theories of Paul Ricoeur, on what he calls "pulsão de traduzir" ("translation's drive"), in the essay *Desafio e felicidade da tradução* (Challenges and the Happiness of Translation) (2011).

Keywords: fictionalization; translation act; drive; Sússekind Peter; Paul Ricoeur.

Resumo: O presente estudo dedica-se a verificar os procedimentos narrativos adotados pelo escritor brasileiro contemporâneo Pedro Sússekind, no romance *Triz* (2011), especialmente quanto à ficcionalização do ato de traduzir e da tarefa do tradutor, com base nas teorias de Paul Ricoeur sobre o que ele denomina "pulsão de traduzir", no ensaio *Desafio e felicidade da tradução* (2011).

Palavras-chave: ficcionalização; ato de traduzir; pulsão; Pedro Sússekind; Paul Ricoeur.

¹Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. E-mail: pispiti@yahoo.com.br.

Introdução

Uma das novas tendências ficcionais contemporâneas, além do aumento crescente de romances apresentados em tom ensaístico, é, sem dúvida, a de trazer à cena o papel do tradutor e as diversas nuances que o ato de traduzir pode comportar. Nesse sentido, a título apenas ilustrativo, bastaria lembrar a novela *O passado*, do escritor argentino Alan Pauls (vencedora do Prêmio *Heralde*, em 2003, e adaptada para o cinema, em 2007, por Hector Babenco) e a brilhante trilogia do espanhol Javier Marías: *Seu rosto amanhã*, lançada, entre nós, pela Cia das Letras, em 2003¹.

Seguindo essa mesma linhagem, o primeiro romance do autor brasileiro Pedro Sússekind, *Triz* (2011) tem como protagonista-narrador um tradutor, o estudioso de literatura russa, Murilo Zaitsev Albuquerque, que se apresenta, também, como um viciado em corridas de cavalos. Daí por que faça todo sentido encontrar retomadas, ao longo do trecho narrativo, as seguintes palavras, atribuídas ao famoso Charles Bukowski: “a vida só faz sentido durante as horas de jogo”.

Mas o que aqui se nos mostra não indicará (como, talvez, se pudesse pressupor) apenas mais um caso de jogador compulsivo que, ao fim e ao cabo, acabará falindo, tanto material quanto moralmente, como muitos personagens literários obcecados por jogatinas. Cumpre lembrar, aliás, que é o próprio narrador a nos remeter a outros grandes romancistas russos, que tratam da temática do jogo, instaurando, assim, de modo explícito, como um de seus procedimentos narrativos, o diálogo intertextual, que com eles estabelece, como ocorre com Dostoievski (*O jogador*, 1866) e, principalmente com Gustav Traub (*A aposta*, publicado na Rússia em 1914). Indo além destes, poderíamos citar, também, os mais modernos *Verão em Baden-Baden* (1981) de Leonid Tsípkín ou ainda outro, de matriz freudiana, *Aurora* (1926), do austríaco Arthur Schnitzler, em que o primeiro-tenente Wilhem, devido às suas pulsões obsessivas, perde-se completamente diante da impossibilidade de

¹ A respeito, gostaríamos de remeter ao artigo da autora deste trabalho, *Elogio da tradução: uma leitura de “Seu rosto amanhã”, de Javier Marías*, publicado em *TradTerm* 18 /2011.1, PP. 142-154 - www.usp.br/tradterm.

saldar uma absurda dívida de jogo. Recorrentes a todas essas obras, residiria o desespero fatal dos que se endividam por conta do vício.

O que, no fundo, distingue Murilo de tantos outros anti-heróis jogadores, representantes do fracasso e da derrocada, advindos da ilusão dos ganhos desse flertar com a própria sorte, é que ele reflete sobre o ato de jogar como indissociável do ato de viver, mas também do ato de traduzir (porque, ao longo do romance, revela-se como jogador e tradutor contumaz) e acredita mais no acaso e na intuição do que nas estratégias articuladas para a almejada vitória, confessando:

Já eu, que só enxergo nas corridas as imprevisíveis variações do acaso, até ouço as constantes e variáveis das análises estatísticas, acredito nelas, mas no caminho para o guichê de apostas sempre sou assaltado por alguma intuição definitiva e aparentemente infalível. Os números e os nomes se combinam, tomando forma, e finalmente escolho seguir aquela intuição em vez da estatística. Mesmo assim, é preciso admitir meu fracasso na tentativa de imitar Aleksiéi Ivânovitch, de "Um jogador", ou de Nikolai Kolotov, de "A aposta", afinal meu sangue russo talvez seja muito diluído para gestos dramáticos, dívidas acumuladas, derrocadas e riscos exagerados. Gasto um pouco, ponho na conta do divertimento; a alegria de um ou outro acerto, se não paga as perdas, compensa com sobra as apostas erradas... (SÜSSEKIND 2011: 9)

Se é verdade, então, que Sússekind rende homenagem aos russos (uma vez que o protagonista, neto de russo, é estudioso e amante da literatura russa, além de seu tradutor), mais especialmente às obras que têm o jogo como assunto dominante, é também verdade que, numa proposta abrangente e filosófica, busca investir na leveza do acaso e em suas múltiplas variações, em que o que importa é apostar, mais do que ganhar ou perder. De certa forma, estabelece, assim, uma instigante aproximação entre as apostas que faz no Jóquei Clube do Rio de Janeiro, local em que costuma ir, por ser viciado em corridas de cavalos, com a tradução do livro, que está levando a efeito, justamente intitulado *A aposta*, do autor russo pouco conhecido entre nós, Gustav Traub. Daí por que, seja nas questões concernentes às corridas no Jóquei, seja no que diz respeito a seus relacionamentos amorosos, ou mesmo nas escolhas tradutórias que precisa fazer, Murilo encarna, de certa forma, o

que Schiller postulara em *Sobre a educação estética* (1795), a respeito do impulso lúdico como elemento necessário ao ato criativo. Tais ideias de Schiller, fundamentadas em Kant, em síntese, revelam que “é no estado lúdico, ‘desinteressado’ ou ‘desinteresseiro’ (isto é, sem interesse na existência material do objeto) que o homem supera as dilacerações da vida interessada”.

Seguindo essa linha de raciocínio, percebemos que um dos aspectos mais interessantes do livro de Süsskind reside exatamente no fato de apostar no discurso eminentemente estético, já que, como anunciamos anteriormente, “a vida só faz sentido durante as horas de jogo”. Se a vida é jogo e a natureza lúdica é intrínseca ao humano (conforme ensina Johan Huizinga em *Homo ludens*), o homem deve jogar com a beleza e fruir o que o ato de apostar traz em si, enquanto fuga possível das dilacerações da realidade.

É esse traço lúdico que perpassa todo o romance, para além do vício, que, no caso, não faz do protagonista um perdedor aniquilado, mas alguém que vai aprendendo a jogar com as cartas que a vida lhe apresenta.

Viciado em tradução

Outro jogo em que o narrador também se vicia é o da tradução. De fato, mais do que ser o profissional a quem cabe a tarefa de traduzir a obra *A aposta* de Gustave Traub, em que o médico russo Nikolai Kolotov será vítima das armadilhas do carteador, Murilo se deixa contaminar por ela, dando indícios de que, assumindo as funções de seu metiê, revela-se bem mais do que coautor do texto que se propõe a verter para o português. É como se passasse a vivenciá-lo em sua própria história pessoal.

Nesse nível do desenrolar da narrativa, cabe toda uma discussão sobre o papel do tradutor e os limites e alcances de seu trabalho. Italo Calvino já asseverara que “*Tradurre è il vero modo di leggere un testo*” (“Traduzir é o

verdadeiro modo de ler um texto”), mas Süsserkind parece radicalizar essa máxima, já que o protagonista de *Triz* está tão impregnado do que traduz, que talvez se pudesse afirmar que, para ele, “traduzir é o verdadeiro modo de viver um texto”.

Não parece ser de natureza diversa o que postula Paul Ricoeur, ao tratar, no brilhante ensaio *Desafio e felicidade da tradução*, do que ele denomina “pulsão de traduzir”. Retomando o texto *A prova do estrangeiro* de Antoine Berman, Ricoeur percebe o quanto as inúmeras dificuldades ligadas à tradução, muitas vezes, tornam-na uma *aposta* difícil, por vezes, impossível de se manter. Tais dificuldades poderiam ser assim resumidas:

no termo “prova”, em seu duplo sentido de “provação” e de “exame”. Colocar-se à prova, como se diz, de um projeto, de um desejo, mesmo de uma pulsão: a pulsão de traduzir.

Para esclarecer essa prova, eu sugiro comparar a “tarefa do tradutor”, de que fala Walter Benjamin, com o duplo sentido que Freud dá à palavra “trabalho”, quando ele fala em um ensaio do “trabalho da lembrança”, e em outro, do “trabalho do luto”. Na tradução também se procede a uma certa salvação e a um certo consentimento de perda (RICOEUR 2011: 21-22).

Conforme nos ensina o eminente filósofo francês, o texto de Berman nos coloca diante da existência de dois parceiros em relação ao ato de traduzir: o estrangeiro e o leitor (destinatário da obra traduzida). Entre os dois é que se situa o tradutor - que acaba sendo posto à prova - “nessa desconfortável situação de mediador”. Mas essa situação de desconforto pode ser minimizada se o tradutor renunciar ao ideal da tradução perfeita: “apenas essa renúncia permite viver, como uma deficiência aceita, a impossibilidade de servir a dois mestres: o autor e o leitor” (Idem: 27).

Ricoeur ainda observa que, apenas a partir do que denomina “luto da tradução perfeita”, é que é possível chegar à felicidade de traduzir, pois:

A felicidade de traduzir é um ganho quando, ligada à perda do absoluto linguístico, ela aceita a distância entre a adequação e a equivalência, a equivalência sem adequação. Nisso está sua felicidade. Admitindo e assumindo a irredutibilidade do par do próprio e do estrangeiro, o tradutor encontra sua recompensa no reconhecimento do estatuto incontornável da dialogicidade do ato de traduzir como o horizonte razoável do desejo de traduzir. A despeito da agonística que dramatiza a tarefa do tradutor, este

pode encontrar sua felicidade no que eu gostaria de chamar de *hospitalidade linguística* (Ibidem: 30).

Voltando ao romance de Sússekind, a influência da obra de Traub é tão decisiva no espírito do narrador que a composição da obra, várias vezes, se utiliza do recurso da apropriação de trechos inteiros traduzidos pelo protagonista da obra daquele escritor. Se pensarmos no tradutor como um leitor exímio e extremamente habilitado, mediador capaz de exercer como ninguém uma verdadeira “hospitalidade linguística”, no limite, o que aqui se apresenta é a instigante questão dos efeitos do texto no espírito de quem o lê e também da “pulsão de traduzir” que acomete Murilo, tanto quanto sua pulsão pelo jogo (e a propósito, valeria mencionar o interessante estudo de Stefano Calabrese, “*Wertherfieber, bovarismo e outras patologias de leitura romanesca*”²).

Assim é que teremos, lado a lado, as apostas nas quais o protagonista investe, enquanto jogador viciado em corridas de cavalos e as apostas que vive fazendo enquanto tradutor (posto à “prova”, mediando a língua de partida - a do “estrangeiro” e a língua de chegada - cujo destinatário é o leitor). Ainda mais relevante, para reiterar a ideia de tradução enquanto “jogo”, é o título do romance do escritor russo que está - naquele momento - sendo traduzido pelo protagonista: *A aposta*. Subjacente ao ato de traduzir, residiria, também, o risco implícito ao ato de jogar.

Importa notar o quanto esse tipo de procedimento enriquece o romance como um todo, porque, por meio do jogo tradutório, Sússekind aponta a outro grande achado da literatura contemporânea, qual seja o das projeções especulares.

² Este estudo, que faz parte da antologia de textos organizados por Franco Moretti, no volume *A cultura do romance* (2009), trata, de modo instigante e aprofundado, das questões dos efeitos provocados por certas leituras no espírito do leitor, num processo que Calabrese denomina “recepção produtiva do texto” (CALABRESE apud MORETTI 2009: 705).

Projeções

Não é à toa que o primeiro capítulo da obra nos apresente Murilo, apostando na corrida de cavalos no Jockey Clube do Rio de Janeiro, e o segundo nos desloque radicalmente, remetendo-nos, de chofre, a um dos trechos do romance *A aposta*, em que o perfil de Nikolai Kolotov vai se desenhando, no inverno rigoroso de Paris, para onde o médico russo teria sido exilado. Para alinhar a dinâmica fragmentária pré-anunciada (em que dois personagens, aparentemente dissociados e distantes, apresentam histórias diversas no mesmo corpo narrativo), o autor lança mão do expediente tradutório.

A tradução, nesse sentido, é um eixo de força que opera em dois níveis. O primeiro, mais evidente, é o intraficcional, num viés metaliterário (já que Murilo é tradutor literário de Traub):

Kolotov cumprimenta o anfitrião, dizendo-lhe que é uma honra jogar numa mesa com banca tão ilustre. Então Fouquet o saúda amavelmente e indica o lugar vago bem ao lado daquele cavalheiro de grandes olhos negros (olhos vulpinos, segundo a definição de Traub que me levou a consultar o dicionário) dirigidos fixamente para as fichas vermelhas que equilibra em seus dedos finos, como se as examinasse (SÜSSEKIND 2011: 35).

O segundo nível é o que se estabelece para fora do âmbito estrito do romance, em que a tradução serviria de ponte de intermediação entre o narrador e o leitor (como se o narrador também precisasse “traduzir” - no sentido de “fazer o receptor entender”) a história de Traub, que, se assim não fosse, ficaria sem saber que Murilo e Kolotov são protagonistas de romances distintos, que se tocam e se refletem especularmente.

Em outras palavras, só depois de termos sido apresentados a Murilo e em seguida a Kolotov é que ficamos sabendo que o primeiro é o tradutor do segundo e que se deixa contaminar tanto pelas atribulações e intrigas do médico, viciado em “faraó” (espécie de jogo de cartas, comum à época - fins do séc, XIX, início do XX, na Rússia) que, a todo momento, evoca os

parágrafos e situações que traduz do romance para a sua própria experiência, projetando-se neles (como num jogo de espelhos, em que um revela o outro e vice-versa).

De certa forma, os níveis tradutórios se abrem aos níveis projetacionais: Traub está para Sússekind, assim como Kolotov para Murilo.

Virando o jogo

Ainda que o romance ganhe força por meio desse universo de equivalências e correspondências, o que acaba lhe conferindo um tom maior é exatamente o de apostar nas idiosincrasias de cada um dos respectivos jogadores.

Por mais que possa ser uma obra de amor à Literatura Russa e aos autores que a dignificaram, por mais que *Triz* possa ser lido como homenagem ao grande e ainda pouco conhecido Gustav Traub (segundo o narrador, “o maior escritor russo depois de Púchkin”) e ainda que haja uma série de aproximações entre Murilo e Kolotov, talvez o grande lance de Sússekind tenha sido o de, ao final, virar o jogo, ponderando:

É exatamente o fato de ter ganhado que leva Kolotov à ruína, pensei ao passar pelas calçadas quase alagadas, na rua do Catete. Sabia o que estava para acontecer: da próxima vez que ele encontrasse láchvin, já seria para cair na sua armadilha. Restava da minha primeira leitura do romance, feita anos antes de começar a traduzi-lo, uma impressão angustiante dessa parte do livro, suscitada pela maneira seca como Traub descreve a derrocada do protagonista. Não há uma preparação, um processo gradual, ele simplesmente continua a apostar indefinidamente, e quando não tem mais recursos, recorre a láchvin como se isso fosse natural, sem se preocupar. Daquele ponto em diante, parece não haver escapatória (SÜSSEKIND 2011: 107-108).

Murilo, diversamente de Kolotov, mesmo perdendo, tem a escapatória dos que apostam na vida e só querem fruir o prazer estético do jogo, que pode ser também o de narrar, já que, como diz analogamente a canção, ele

segue “nem sempre ganhando, nem sempre perdendo, mas sempre aprendendo a jogar”...

Conclusão

Por meio de um instigante viés metaliterário, o escritor brasileiro contemporâneo Pedro Sússekind trabalha vários níveis de intertextualidade neste seu romance, *Triz*. De modo explícito, faz vir à luz a obra de um grande escritor russo, pouco conhecido entre nós, Gustav Traub, com quem o protagonista-narrador Murilo Zaitsev Albuquerque dialoga. Mas, talvez, seja apenas e tão somente pelo fato de encarnar, de modo intenso e um tanto quanto obsessivo (vivenciando uma nítida “pulsão de traduzir”, nos termos propostos por Paul Ricoeur), seu papel de tradutor, lidando, o tempo todo, com os embates de ser o mediador entre o “estrangeiro e o leitor”, submetendo-se à dura “prova do estrangeiro” (como assevera Antoine Berman), que ele cresce, ao longo da narrativa, criando todas as complexidades necessárias para que se obtenha uma boa obra de ficção.

Temos, assim, mais um romance contemporâneo que, ficcionalizando o ato de traduzir, valoriza a difícil, mas apaixonante tarefa do tradutor, em que, mais que tudo, apoiado na premissa ricoeuriana da impossibilidade do “absoluto literário”, em que se faz necessário aceitar o luto da perda da tradução perfeita, o protagonista Murilo faz suas apostas, na vida e na arte, plenamente consciente de que, abrindo mão da presunção de fidelidade tradutória, consegue criar o que Paul Ricoeur denomina: “hospitalidade linguística”, já que reconhece o “estatuto incontornável da dialogicidade do ato de traduzir como o horizonte razoável do desejo de traduzir” (RICOEUR 2011: 30).

Referências bibliográficas

BERMAN, A. A prova do estrangeiro In: RICOEUR, P. *Sobre a tradução*. Trad. e prefácio: Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011 [2004].

CALVINO, I. Tradurre è Il vero modo di leggere un testo. In: _____, *Mondo scritto e mondo non scritto*. Milano: Mondadori, 2002.

CALABRESE, S. Wertherfieber, bovarismo e outras patologias da leitura romanesca In MORETTI, F. (org.) *A cultura do romance*. Trad: Denise Bottmann. São Paulo: Cosac Naify, 2009 [2001], p.607-732.

HUIZINGA, J. *Homo ludens*. Trad. João Paulo Monteiro. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000 [1938].

RICOEUR, P. *Sobre a tradução*. Trad. e prefácio: Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011 [2004].

SCHILLER, F. *Cartas sobre a educação estética da humanidade*. Trad. R. Schwarz. São Paulo: Herder, 1963.

SÜSSEKIND, P. *Triz*. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2011.